

Doutoramento *Honoris Causa* de Manuel Rui Azinhais Nabeiro

8 de junho de 2022

Elogio do Apresentante

Professor Doutor Carlos José Cândido Guerreiro Fortuna

Por: Margarida Mano

Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, Professor Doutor Amílcar Falcão

Senhor Diretor da Faculdade de Economia

Senhora Ministra da Coesão Territorial

Excelentíssimas Autoridades Académicas

Digníssimas Autoridades Cívicas e Religiosas

Senhoras e Senhores Professores e Investigadores

Senhoras e Senhores Estudantes

Senhoras e Senhores Funcionários e Colaboradores

Ilustres Convidadas e Convidados

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

É uma sincera honra e um privilégio participar na cerimónia de atribuição do **Doutoramento *Honoris Causa* do Senhor Comendador Manuel Rui Azinhais Nabeiro**.

A experiência de vida de Rui Nabeiro constitui uma inspiração e um testemunho da vitória da iniciativa individual face às adversidades das diversas épocas por que passou e em que deixou marca. É ainda encarnação do espírito empreendedor, antes de este estar em voga, bem como símbolo do humanismo e da solidariedade enquanto adjuvantes do sucesso no mundo empresarial, ao invés de obstáculos à criação de valor. Rui Nabeiro reconheceu, desde o início da sua vida profissional, o sentido ético e a afirmação da responsabilidade social, não enquanto

respostas a uma exigência externa, mas antes como uma necessidade natural de quem sabe que **a economia é feita de pessoas.**

É este compromisso integral entre os princípios de gestão e a dimensão humana, tão central ao currículo e espírito da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, que Rui Nabeiro tão exemplarmente simboliza com a sua liderança, trabalho e legado, e que este doutoramento pretende distinguir.

Celebramos hoje a história de sucesso empresarial a partir de origens humildes, bem como um percurso de ação política e de profunda preocupação social, para não falar do engenho e do espírito inovador que moldaram uma marca, uma terra e um país. Mas antes de mais, celebramos um português que a todos deu – e ainda dá – uma profunda lição de economia real que Portugal devia estudar e aprender. Nesta Sala dos Capelos, sede de sabedoria e de história, é com humildade que reconhecemos o imenso valor de quem sonhou e ousou construir um império feito de inovação, modernidade e humanidade.

Estes méritos e muitos mais foram já enunciados, com uma eloquência que não me atrevo a tentar emular, pelo meu colega António Martins.

**É representante de Rui Nabeiro o Professor Doutor Carlos José Cândido Guerreiro Fortuna**, meu colega e amigo. Professor Catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Investigador Permanente do Centro de Estudos Sociais, Carlos Fortuna surge como garante e confirmação da visão integral de Rui Nabeiro enquanto empreendedor e humanista que motiva o seu acolhimento no claustro doutoral da Universidade de Coimbra.

Doutorado em Sociologia na *State University of New York*, enquanto bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, o currículo de Carlos Fortuna é tão extenso quanto prestigiante.

**A nossa Faculdade muito lhe deve em termos de serviço.** Tendo sido Presidente do Conselho Diretivo (1993-1995) e Presidente do Conselho Científico (2004-2009), assumiu, ao longo da sua vida académica, a coordenação científica de ciclos de estudo, com enfoque na coordenação de programas de doutoramento e mestrado em Sociologia. Assumiu a coordenação de vários projetos em parcerias internacionais. E fê-lo, sempre com o mesmo entusiasmo e dedicação com

que assumiu desafios académicos ou culturais de natureza distinta, como foi o caso, em 2020, da coordenação do Mil Folhas, a publicação quadrimestral do Conselho da Biblioteca da FEUC, (nas palavras do próprio e passo a citar) “*uma Biblioteca que teima em ser aberta ao mundo, um lugar de ciência, mas também de cultura*”.

Foi um dos cofundadores do Centro de Estudos Sociais (CES), em 1978, com o início da publicação da *Revista Crítica de Ciências Sociais*. O CES, Laboratório Associado desde 2002, é hoje um centro de referência ímpar, dedicado à investigação e à formação avançada, inter e transdisciplinar, nas ciências sociais e nas humanidades.

Carlos Fortuna criou ainda o Doutoramento em “Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas”, tendo contribuído de forma decisiva para a abertura da investigação centrada em temas de cultura urbana.

**A nível do órgão máximo da Universidade de Coimbra**, o Conselho Geral, o Professor Carlos Fortuna deu um contributo inestimável, tendo sido membro da Comissão Estatutária da UC e integrado, enquanto conselheiro, os dois primeiros mandatos deste Órgão. O seu contributo ímpar para a Universidade e para a Faculdade assenta num sentido de Escola muito apurado, numa dedicação inexcedível e numa vivência intensiva dos desafios coletivos.

**Figura incontornável da Sociologia no panorama nacional e internacional**, foi Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia (1998-2002) e membro do Comité Executivo da Associação Internacional de Sociologia (2002-2006). Foi também Delegado Nacional junto da Comissão Europeia para as Ciências Sociais e membro do *Board of Directors* da Comissão *Fulbright* em Lisboa (2001-2003). Autor e orador profícuo, Carlos Fortuna, para além das inúmeras obras publicadas em Portugal, publica em Itália, França, Espanha, Canadá, Estados Unidos da América, Brasil e Argentina. Acumula ainda a função de coordenador português da Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos, testemunho de abertura às tradições epistemológicas “do Sul” e de uma postura sintética que ultrapassa as dicotomias habituais dos estudos urbanos.

**Do trabalho académico desenvolvido por Carlos Fortuna realço duas áreas** que, embora ligadas, merecem ser distinguidas nesta cerimónia:

Em primeiro lugar, o seu Doutoramento, feito nos Estados Unidos numa altura em que não havia ainda Doutoramento em Sociologia em Portugal, e a relação académica que estabeleceu na altura com Immanuel Wallerstein, seu orientador e ilustre Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra, coloca Carlos Fortuna no pioneirismo do *World System*.

A visão de Portugal enquanto semiperiferia, isto é, um país que está em simultâneo aparentemente ao lado dos países ricos, com o poder que exercia enquanto potência colonial, e ao lado dos países pobres, enquanto periferia a nível económico, industrial ou financeiro, é muito bem ilustrada na sua Tese de Doutoramento. A partir do estudo da Crise dos Têxteis do Vale do Ave, irremediavelmente tropeça na história da produção do algodão em Moçambique (com início no séc. XVI) e na evidência de uma vantagem competitiva têxtil de Portugal assente na produtividade alcançada a partir do trabalho forçado da mão de obra. Ora esta vantagem é afetada pela independência da colónia, na medida em que Portugal passa a ter que concorrer no mercado mundial, comprando matéria-prima a preços a que não consegue competir em termos industriais. A sua Tese de Doutoramento dará origem ao livro *“O Fio da Meada: O Algodão de Moçambique, Portugal e a Economia-Mundo (1860-1960)”*, publicado em 1993, nas Edições Afrontamento.

Este modelo de “semiperiferia”, que a globalização tornou ultrapassado ao deslocar o eixo do poder da produção industrial para a informação e a riqueza comunicativa, (este modelo) tem nos estudos de Carlos Fortuna uma ilustração muito clara. Mais tarde, a transição do Grupo dos Africanistas dar-se-á através de um projeto da JNICT que o levaria para o Turismo Urbano, do património, da história, de uma cultura que é interpelada a uma regeneração face aos exigentes desafios sociais e ambientais.

Uma segunda área académica que gostaria de realçar decorre do seu contributo para uma nova visão da cidade enquanto realidade sociológica aberta a referências culturais múltiplas. Visão de passagem de uma “Sociologia Urbana” para uma “Sociologia das Cidades”, que extravasa os limites habituais do saber. Numa sua obra maior, publicada na conceituada Editora Insular, *“Cidades e Urbanidades”*, mais do que uma abordagem interdisciplinar, o que Carlos Fortuna propõe é um esforço de síntese que abraça diversas áreas – história, economia, psicologia, entre tantas mais – e que reconhece e explora as tensões entre o passado e o presente, entre a esfera

pública e a privada, entre a natureza e o espírito. Aliás, assinatura da sua pessoa e do seu percurso profissional, o que aí é proposto não é menos do que uma revolução epistémica, apenas possível através da integração dos modelos tradicionais com as novas realidades urbanas por eles ignoradas.

A par de uma erudição que lhe permite ver para lá das fronteiras habituais do tempo e do conhecimento, observa-se ainda na obra de Carlos Fortuna um esforço sincero de encontro de soluções *engagé* e um pensamento sempre próximo da realidade em todas as suas frentes. Livre da “armadilha ideológica” académica, surge assim uma visão capaz de devolver a cidade à humanidade, de encontrar o espaço humano dentro do aceleracionismo cultural, de forma a resgatar o tempo e o espaço que se perdem na voragem da pós-modernidade urbana, reconhecendo a realidade tal como se apresenta e não apenas como os modelos teóricos exigiriam que fosse.

É uma visão corajosa e ampla, capaz de compreender as bases profundas dos modelos teóricos do passado e adaptá-los à realidade atual. O diálogo entre autores antigos e contemporâneos, mediados por Carlos Fortuna, permite uma revisão dos princípios orientadores do conhecimento e atualiza-o, pondo a nu as continuidades e discontinuidades do progresso: uma mestria exemplificada, por exemplo, com a sua análise crítica do ensaio de Georg Simmel, “*A ruína*”. Aliás, Simmel, em particular na sua atitude de “académico sem tradição”, de enorme independência, surge como uma figura central na sociologia de Carlos Fortuna, que por sua vez completa e amplia a sua perspetiva com a valorização e integração dos ruídos no quotidiano urbano.

A visão de Carlos Fortuna é uma visão capaz de abarcar as margens geográficas que se tornam cada vez mais centrais através das “novíssimas metrópoles”. Visão compassiva, ilumina as margens sociais e as urbanidades invisíveis da vivência pessoal da cidade, ambas renegadas pelos cânones habituais. **A cidade, afinal, tem casas e lugares**, tem uma vida tangível que pulsa entre o centro e a periferia.

A cidade enquanto entidade porosa, híbrida, onde tudo está interligado, onde se aprende a viver em sociedade e em democracia, é assim libertada por Carlos Fortuna das assimetrias e das opacidades das abordagens tradicionais. **A cidade enquanto entidade viva, fluída, não domável nem conténível, centrada nas pessoas.**

Aliás, podemos ir mais longe e encontrar aqui a ponte entre a Sociologia e as Ciências Económicas e Empresariais, num ethos que está na base da **identidade da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Eis a imagem humana da Sociologia e da Economia que encontra um paralelo natural com o legado de Rui Nabeiro.** Este Faculdade surge, pois, como o locus natural de acolhimento deste doutoramento: um espaço de encontro e diálogo de saberes, de visões corajosas que ultrapassam e fundem territórios académicos numa praxis interdisciplinar de abertura e inovação, tendo sempre em vista o impacto na economia real, economia **feita**, tal como as cidades, **de pessoas.**

A imagem que aqui deixo de Carlos Fortuna peca certamente por omissão. Bastará, espero, sublinhar que a grandeza do legado e a erudição de quem posso, com honra, chamar de meu amigo, consubstanciam o paradigma da missão da Universidade de Coimbra enquanto templo de saber e agente ativo na sociedade em busca do bem comum.

### **Magnífico Reitor**

Estão perante vós Manuel Rui Azinhais Nabeiro e o seu apresentante Carlos José Cândido Guerreiro Fortuna.

Dois alentejanos de “quatro costados” cujas vidas se cruzam neste simbólico momento. Une-os o Alentejo, província a que o grande Miguel Torga, na sua obra *“Portugal”* (1950), associa num sentimento telúrico um desígnio nacional. Nas palavras de Torga, que passo a citar: *“E compreende-se que fosse do seio da imensa planura alentejana que nascesse a fé e a esperança num destino nacional do tamanho do mundo. Só daquelas ondas de barro, que se sucedem sem naufrágios e sem abismos, se poderia partir com confiança para as verdadeiras.”*

Rui Nabeiro e Carlos Fortuna estão unidos, não por uma relação pessoal, que não existe, mas por uma atitude e percursos de compromisso Comunitário. Ambos inovadores, capazes de ultrapassar os limiares habituais das suas áreas de atuação, conseguiram sempre ver mais longe, sem, no entanto, deixar de valorizar o que o passado e a tradição têm para ensinar. Ambos solidários com a realidade humana, que nunca sai de cena em nome do ganho ou do cânone,

procuraram antes devolver as faces e os nomes às iniciativas ou modelos que, no contexto atual, tantas vezes se veem esvaziados de humanidade.

Um, empresário - com um empreendedorismo de impacto, humanista e solidário - e um outro, académico - de uma sociologia de envolvimento na defesa de políticas de emprego sólidas e de cultura - cruzam-se nesta ilustre sala numa lição Coimbrã de Economia integral, real e humana.

É, por isso, com profundo sentido de honra que rogo que seja hoje concedido o grau de Doutor, pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, a Manuel Rui Azinhais Nabeiro.

Sala dos Capelos,

8 de junho de 2022